Globethics Repository



A ecologia econômica como alternatia às desigualdades [The economic ecology as an alternative to inequalities]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Fachin, Patrícia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-16 08:40:17
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158486

A ecologia econômica como alternativa às desigualdades

Economista Gaël Giraud aborda os desafios à desigualdade econômica e social a partir de uma perspectiva ecológica

Por Patricia Fachin e Ricardo Machado | Tradução: Paulo Duarte

"A ecologia econômica parece estar atualmente numa via mais promissora. Ela não é nem marxista, nem neoliberal. O seu objeto é a realidade de um planeta que nós estamos em vias de destruir. E não temos outro. A maior parte dos economistas dos dias de hoje já compreendeu que a transição ecológica é inseparável de uma transição social", sustenta o professor doutor Gaël Giraud em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Para o economista, os mais ricos, independentemente dos países, são os que mais poluem o planeta, causando, portanto, a destruição do clima e da biodiversidade, o que resulta em um processo de desumanização. "A miséria afunda os mais pobres num inferno e a ultrarriqueza isola os mais ricos num gueto separado do resto da humanidade, em pânico de perderem o seu conforto, incapazes de participar de um projeto histórico e político que ultrapasse as dimensões que são próximas da sua vida de luxo. Praticar a justiça é uma libertação não somente das vítimas como também dos carrascos", aponta.

Na avaliação do pesquisador, o principal entrave aos avanços em termos de igualdade é a vontade política. "Um economista do Fundo Monetário Internacional – FMI, Michael Kumhof, mostrou recentemente que uma reforma será bastante benéfica para todo o mundo – menos, talvez, para os banqueiros. As soluções existem. O que falta é a vontade política", destaca. "Essa falta se deve ao fato de que grande parte dos políticos nos governos, na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, provém de classes favorecidas, que não têm interesse na reforma financeira de modo a reduzir as desigualdades e assegurar a prosperidade de todos", complementa.

Ao olhar para o futuro, Gaël Giraud sugere ser necessário que os países ricos ponham em prática uma transição energética. "A passagem de uma economia essencialmente fundada sobre as energias fósseis (gás, carvão, petróleo) para outros tipos de energia: as renováveis e/ou nucleares. Sem estas, tenho receio de que, nos anos próximos, a fratura social mais importante será aquela que vai separar as populações com acesso à energia das que não têm acesso. Não excluo a possibilidade de uma terrível regressão social: qualquer coisa como um retrocesso à Idade Média. Sem contar com as múltiplas guerras que já começamos (nomeadamente no Médio Oriente) para garantir o acesso aos recursos energéticos", avalia.

Gaël Giraud é diretor de pesquisa do *Centre national de la recherche scientifique* – CNRS, membro do Centro de Economia da Sorbonne e da Escola de Economia de Paris e professor associado na ESCP-Europe. Jesuíta, faz parte do conselho científico do Laboratório sobre Regulação Financeira e do Observatório *Europeu Finance Watch*. Além disso leciona no *Centre Sèvres*, dos jesuítas, e é membro do conselho científico da Fundação Nicolas Hulot para a Natureza e o Homem. O trabalho de Gaël Giraud pode ser visto em seu sítio na internet www.gaelgiraud.net.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que o senhor entende por desigualdades e como fundamenta esse conceito?

Gaël Giraud – Na atualidade, uma pequena centena de pessoas no mundo possui uma riqueza equivalente à metade da humanidade. Possivelmente, nunca tínhamos esperado tal nível de desigualdade no planeta. As desigualdades de rendimentos e de patrimônio, mas também de acesso à educação, aos direitos, à internet, são fenômenos extremamente graves, pois são um obstáculo à prosperidade econômica. Não somente para os mais pobres – é evidente –, mas também para os mais ricos. De fato, aumentar indefinidamente a riqueza de

uma porção de indivíduos não facilita, de todo, o crescimento: a tese de que a opulência dos ricos será benéfica para todos é uma impostura intelectual. O aumento da desigualdade penaliza mesmo os mais ricos na sua vida e na sua própria saúde. É o que mostra, por exemplo, uma excelente obra de Pickett[1] et Wilkinson[2], *The Spirit Level: Why More Equal Societies Almost Always Do Better* (London: UK Hardback edition, 2009). Também é preciso considerar que os mais ricos são aqueles que mais poluem o planeta. Sejam chineses, norte-americanos ou brasileiros, são eles que carregam a mais forte responsabilidade da destruição do clima e da biodiversidade. Enfim, o aumento das desigualdades provoca a desumanização: a miséria afunda os mais pobres num inferno e a ultrariqueza isola os mais ricos num gueto separado do resto da humanidade, em pânico de perderem o seu conforto, incapazes de participar de um projeto histórico e político que ultrapasse as dimensões que são próximas da sua vida de luxo. Praticar a justiça é uma libertação não somente das vítimas como também dos carrascos.

IHU On-Line – A discussão acerca da maneira de enfrentar as desigualdades sociais, a partir de uma perspectiva econômica, deve considerar a acumulação financeira e o funcionamento do mercado financeiro de modo geral e não mais o modo de produção capitalista?

Gaël Giraud – De fato, a desregulamentação financeira, iniciada nos anos 1980, tem a responsabilidade essencial da explosão das desigualdades nestes últimos 30 anos. Os Trinta Gloriosos (1945-1975) na Europa e nos Estados Unidos mostraram que é possível ter uma prosperidade de massa, em um contexto capitalista, com pouca desigualdade. Isso supõe que os mercados financeiros jogam um papel mínimo na nossa economia. É completamente falso pretender que os mercados financeiros sejam eficientes. Sabe-se, em economia, depois dos anos 1980 que, mesmo estando repletos de senhores hiperracionais, os mercados financeiros geriram de maneira bastante ineficaz o risco e o capital. Na verdadeira vida, os mercados financeiros servem essencialmente para captar a renda produzida pelo trabalho dos cidadãos, monopolizados por uma minúscula minoria de jogadores: quando estes ganham as suas apostas, retiram os benefícios privados e, quando perdem, é o contribuinte quem tem de pagar as dívidas.

IHU On-Line – O que o senhor tem evidenciado em suas pesquisas sobre a crise financeira desde 2008 e as desigualdades sociais no mesmo período?

Gaël Giraud – A bolha *subprime* foi tolerada pelas autoridades econômicas e monetárias dos Estados Unidos, entre 2001 e 2007, na esperança de permitir a um grande número de famílias norte-americanas pobres se tornarem proprietárias das suas casas. Há menos proprietários nos Estados Unidos em 2008 que em 2001. Tentar manter o mercado imobiliário pela dívida privada é uma falência completa. Na Europa, uma grande parte dessa dívida privada tornou-se insolvente e afundou numerosos bancos. Muitos acabaram por ser salvos ou nacionalizados pelos Estados, que, de um dia para o outro, viram a sua dívida pública rebentar. Ora, as classes médias europeias pagam em geral mais impostos que os mais ricos. São, então, as classes médias que vão pagar a fatura da crise financeira. As desigualdades continuam, assim, a aumentar.

IHU On-Line – O senhor dá a entender que os bancos são, hoje, os grandes vilões da atual situação social e os responsáveis pela crise. Como mudar esse cenário? O que é possível fazer para frear essa situação?

Gaël Giraud – Sim, o setor bancário, na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, adquiriu um poder de perturbação considerável. Alguns bancos têm um balanço que pesa mais que o Produto Interno Bruto – PIB de um Estado desenvolvido. Além disso, a desregulamentação financeira volta a dar-lhes um poder considerável. Está claro que é possível mudar tudo isso. Já expliquei em diversas obras como isso pode ser possível. Grosso modo, no meu ponto de vista, é necessário cortar os bancos mistos em dois, ou seja, voltar a colocar o Glass Steagall Act[3] que nos permitiu desfrutar, nos anos 1960, um período de serenidade, sem uma maior crise bancária. Depois, é preciso colocar o Banco Central sob o controle de um poder político democrático. Atualmente, a independência do Banco Central é um eufemismo para dissimular o fato de que ele obedece unicamente aos desejos do setor bancário privado. Enfim, há que retirar dos bancos privados o direito de criar a moeda: é o famoso "plano de Chicago" que tinha sido proposto pelos grandes economistas norte-americanos nos anos 1930. Um economista do Fundo Monetário Internacional – FMI, Michael Kumhof[4], mostrou recentemente que uma reforma será bastante benéfica para todo o mundo – menos, talvez, para os banqueiros. As soluções existem. O que falta é a vontade política. Essa falta se deve ao fato de que grande parte dos políticos nos governos, na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, provém de classes favorecidas, que não têm interesse na reforma financeira de

1 **Richard Gerald Wilkinson** (1943): epidemiologista social britânico, escritor e advogado. É professor emérito de epidemiologia social na Universidade de Nottingham, tendo se aposentado em 2008. Também é professor honorário de Epidemiologia e Saúde Pública da University College London e professor visitante na Universidade de York. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Kate Pickett:** epidemiologista britânica, professora de Epidemiologia do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de York. É co-autora, com Richard G. Wilkinson, de *Spirit Level: Why More Equal Societies Almost Always Do Better and is Director of The Equality Trust*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Lei Glass-Steagall ou Glass Steagall Act de 1933**: foi um estamento US 'Banking Act' (Pub. L. No. 73-66, 48 Stat. 162) que estabeleceu a Federal Deposit Insurance Corporation, ou agência garantidora de créditos. Esta lei foi promulgada pela administração de Franklin Roosevelt para, basicamente, evitar um colapso financeiro sistêmico como o ocorrido em 1929. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Michael Kumhof (1962)**: é um pesquisador alemão e economista conhecido por suas pesquisas sobre o sistema financeiro, as desigualdades de renda e da oferta de petróleo. Em seu trabalho no Fundo Monetário Internacional – FMI, ele é responsável pelo desenvolvimento do *International Monetary Fund's Global Integrated Monetary and Fiscal Model*, usado para as análises políticas do FMI. (Nota da **IHU On-Line**)

modo a reduzir as desigualdades e assegurar a prosperidade de todos.

IHU On-Line – Quais as razões da falência do estado de bem-estar social na Europa?

Gaël Giraud – Há imensas razões para esta falência. Espero que não seja definitiva. Uma das razões é a inversão do projeto político europeu em uma máquina de destruição do Estado-Providência. A Europa tornou-se, há vinte anos, a Europa dos financeiros: estes destruirão o nosso continente até que os políticos deem um "murro na mesa".

IHU On-Line – Os que defendem uma proposta neoliberal argumentam que se trata de um modelo que garante a liberdade. Os que argumentam que é preciso maior interferência do Estado sustentam que é necessário mais igualdade. Esses conceitos e essas visões são suficientes para entender a complexidade que se vive hoje? Há uma terceira via?

Gaël Giraud – Parece-me que o debate tradicional "liberdade versus igualdade" já não é a melhor maneira de compreender o nosso mundo. Na realidade, o neoliberalismo destrói as nossas liberdades. É uma economia essencialmente fundada sobre a dívida, e tal já vem desde 5000 anos atrás, como muito bem demonstrou David Graeber[5]. Quando se tem muitas dívidas, acaba-se por se tornar escravo (no sentido literal e figurado) do credor. Se queremos sair do servilismo, temos de sair do neoliberalismo.

IHU On-Line – O período recente parece demonstrar que o neoliberalismo gera crises, inclusive a crise financeira, pela falta de controle do mercado, mas, por outro lado, o Estado parece não dar conta nem de garantir um estado de bem-estar social para a população, nem de exercer uma política de gestor do mercado. Qual é sua proposta para diminuir as desigualdades sociais e garantir acesso a bens básicos, tendo em vista esse cenário e a falência das propostas das esquerdas em todo o mundo?

Gaël Giraud – Penso que é necessário ter em consideração a importância vital da energia e das matérias naturais (nomeadamente os minerais) nas nossas economias. A maior parte dos economistas negligencia completamente este ponto. Ora, os recursos naturais não são extensíveis ao infinito. E as últimas notícias do GIEC[6] no Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas – IPCC referentes ao clima são literalmente catastróficas. Então, é extremamente importante, se queremos garantir um mínimo vital para todos, que o conjunto dos países ricos (onde se inclui o Brasil) ponha em prática, de modo voluntário, a transição energética: a passagem de uma economia essencialmente fundada sobre as energias fósseis (gás, carvão, petróleo) para outros tipos de energia: as renováveis e/ou nucleares. Sem estas, tenho receio de que, nos anos próximos, a fratura social mais importante será aquela que vai separar as populações com acesso à energia das que não têm acesso. Não excluo a possibilidade de uma terrível regressão social: qualquer coisa como um retrocesso à Idade Média. Sem contar com as múltiplas guerras que já começamos (nomeadamente no Médio Oriente) para garantir o acesso aos recursos energéticos. A social-democracia ocidental não compreendeu ainda a importância da transição energética. As indústrias do mundo inteiro, elas, sim, compreenderam muito bem e esperam com impaciência que os políticos saiam da sua fascinação pelas finanças e desbloqueiem finalmente as soluções de financiamento para começarem a transição.

IHU On-Line – Recentemente, ao falar da crise da esquerda na França, o senhor mencionou a criação do Partido Nouvelle Donne como uma possibilidade promissora. Por quais razões? A esquerda ainda tem algo a oferecer para as discussões econômicas, políticas e sociais? Aqui no Brasil há uma expectativa em relação aos movimentos que surgem sem lideranças no sentido de propor algo novo, mas na Europa já há sinais de que movimentos como esse também não conseguiram mudanças e avanços, a exemplo do 15M. O que fazer?

Gaël Giraud – O exemplo dos "Indignados" na Espanha parece-me revelador. Os espanhóis saíram à rua aos milhões, durante meses e meses. No imediato, de forma estrita, não deu nada no plano político, e até foi o Partido Popular que acabou por ser eleito, mesmo quando este partido, no tempo de Aznar[7], no princípio dos anos 2000, foi altamente responsável pela entrada da Espanha na bolha *subprime*. A razão da falência de um movimento social de multidões na Espanha é a incapacidade da classe política espanhola em articular a indignação social com um verdadeiro programa político. A social-democracia tornou-se neoliberal e, de pronto, deixou de pensar. Atualmente, os partidos socialistas europeus têm um eletroencefalograma plano. É por isso que a criação do partido *Nouvelle Donne*[8] me parece uma excelente notícia: aí está um partido de centro-esquerda que formula um verdadeiro diagnóstico sobre a situação atual, que quer regulamentar as finanças, reduzir as desigualdades (pelo imposto sobre o crédito e sobre o capital), lançar a transição energética.

IHU On-Line – Em que consiste o Tratado de Livre Comércio em negociação entre a União Europeia e os Estados Unidos, e como o senhor o avalia tendo em vista o atual cenário

5 **David Graeber (1961)**: é um anarquista, antropólogo e professor de antropologia social, no Colégio Goldsmith da Universidade de Londres. Anteriormente foi professor associado na Universidade de Yale, instituição que, anteriormente, se negou a recontratá-lo após o término de seu contrato em junho de 2007, assunto em torno do qual se apresentam controvérsias e cartas de apoio ao professor e de repúdio à decisão da diretoria da universidade. Graeber participa ativamente em movimentos sociais e políticos, protestando contra o Fórum Econômico Mundial de 2002 e o movimento Occupy Wall Street. Ele é membro do Industrial Workers of the World e faz parte do comitê da Organização Internacional para uma Sociedade Participativa. (Nota da **IHU On-Line**)

6 GIEC: grupo de especialistas intergovernamentais sobre a evolução do clima. (Nota do Entrevistado)

7 **José María Alfredo Aznar López:** é um político espanhol. Foi o quarto primeiro-ministro do governo da Espanha do período democrático posterior a 1978, exerceu o mandato entre 5 de maio de 1996 e 17 de abril de 2004, pelo Partido Popular. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Nouvelle Donne: partido político francês, fundado em 2013. (Nota do Entrevistado)**

político, econômico e social do mundo, ou seja, este momento de crise?

Gaël Giraud – O Tratado Transatlântico é uma catástrofe, aumentada pela soberania política dos Estados da linha do Atlântico Norte. De fato, este Tratado de livre-troca vai autorizar uma empresa norte-americana ou europeia a processar um país, levando-o a adotar as leis que estão de acordo com os interesses da empresa. O tribunal *ad hoc* que regulamentará o litígio apenas se apoiará no direito comercial internacional e no tratado. De modo particular, até mesmo a constituição de um país não entrará em linha de consideração. Se assinarmos um tratado assim, é o fim do Estado na Europa. Os verdadeiros governantes serão os donos das empresas. Eu penso que, se assinarmos um tratado assim, a reação das populações será idêntica à da população dos anos 1930. Acabarão por eleger os ditadores neofascistas para lhes salvar da ditadura das multinacionais. Tudo isso é bastante perigoso.

IHU On-Line – O senhor leu o livro do economista Piketty? O livro tem recebido críticas positivas e negativas. Do ponto de vista econômico, quais são as propostas do livro, seus erros e acertos, inclusive no que se refere à análise das implicações econômicas na atual conjuntura das desigualdades sociais?

Gaël Giraud – O principal interesse do livro de Piketty é o de colocar na dianteira o escândalo da explosão das desigualdades nos Estados Unidos e na Europa. Ele não é, evidentemente, o primeiro a fazê-lo: Galbraith[9] já o tinha feito nos anos 1990. A dificuldade está na construção e no tratamento dos dados, ambos com falta de rigor, como foi recentemente sublinhado por diversos colegas e mesmo alguns estudantes. Mas essa falta de rigor não põe em causa a conclusão fundamental, que é verificada por numerosos outros trabalhos, mais rigorosos, em que todos iluminam as desigualdades de forma impressionante. A outra dificuldade do livro, no meu ponto de vista, é ainda mais grave: não tem teoria econômica. Ou mais especificamente: a teoria subjacente é a da escola neoclássica norte-americana mais conservadora. Em particular, o conjunto das ideias repousa sobre aquela ficção de que não existiria algo como "o" capital. Marx[10], tal como outros economistas conservadores, fez o mesmo erro: "o capital? Isso não existe". Se é assim, ninguém poderá, por exemplo, definir o seu rendimento. O que existe são as máquinas, as infraestruturas, a energia, os recursos naturais, os ativos financeiros, a moeda... Cada qual com uma lógica própria. Perpetuar a ilusão de que se pode emaranhar todas essas realidades numa categoria única é manter a economia numa imensa confusão. O paradoxo está presente quando se constata, por exemplo, que na teoria de Piketty a moeda não existe... Para um livro que passa 900 páginas falando de capital, é bastante estranho, não é?

Não acredito, então, de todo, que o livro de Piketty renovará a pesquisa econômica. No entanto, o partido democrata dos Estados Unidos parece ter decidido torná-lo a sua nova bíblia. O sucesso de livraria da obra sugere que, possivelmente, seja uma boa estratégia, que poderá permitir que se reinstale no debate público norte-americano a questão das desigualdades. Infelizmente, tanto do lado das propostas políticas como do lado da análise, o livro é igualmente pobre: Piketty contenta-se em propor um imposto mundial sobre o capital, quando ele sabe muito bem que nunca verá o dia que isso aconteça, ou em todo o caso, não acontecerá antes de bastante tempo passar. Além disso, tenho um forte receio de que a maior parte das pessoas que compraram o livro não o lerá... Então, não será nesse livro que se encontrará o meio de saída da paralisia intelectual da social-democracia ocidental.

IHU On-Line – Entre as escolas econômicas existentes, alguma dá conta de propor soluções?

Gaël Giraud – A ecologia econômica parece estar atualmente numa via mais promissora. Ela não é nem marxista, nem neoliberal. O seu objeto é a realidade de um planeta que nós estamos em vias de destruir. E não temos outro. A maior parte dos economistas dos dias de hoje já compreendeu que a transição ecológica é inseparável de uma transição social: em particular, não chegaremos a iniciar esta transição de forma eficaz enquanto uma minoria muito pequena continue a monopolizar o essencial da riqueza e dela servir-se para destruir o ambiente e esgotar os nossos recursos.

Leia mais...

- *Gaël Giraud: o jesuíta que enfrenta os bancos*. Entrevista com Gaël Giraud publicada nas **Notícias do Dia**, de 04-06-2014, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/1qmafvd;
- *Economista jesuíta critica proposta de reforma bancária*. Entrevista com Gaël Giraud publicada nas **Notícias do Dia**, de 29-01-2013, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/1kUXB0r;
- *Além da moral dos bancos*. Entrevista com Gaël Giraud publicada nas **Notícias do Dia**, de 13-01-2012, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em http://bit.ly/1plTFKq.

9 **John Kenneth Galbraith** (1908-2006): economista norte-americano. Em seus livros *A sociedade da opulência* (1958), *O novo estado industrial* (1967) e *A ciência econômica e o interesse geral* (1974) faz um requisitório contra a sociedade de consumo. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883)**: filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em http://bit.ly/173lFhO. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em http://bit.ly/ihuon278. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em http://bit.ly/ihuon327. (Nota da **IHU On-Line**)